

TRANSCRIÇÃO MATIZES DO BRASIL EPISÓDIO – TUNGA

00:01:41:20

COLD OPEN – MATIZES DO BRASIL

00:02:18:17

VOZ EM OFF

A Arte não é discursiva, é a visualidade dela constitui a sua própria teoria.

00:02:26:06

VOZ EM OFF

Tem uma qualidade de sonho mesmo, em toda obra do Tunga. Um modo intenso de estar no mundo e que a arte não deixa de ser exatamente um certo canal para você intensificar sua relação com o mundo.

00:02:44:22

VOZ EM OFF

Ele não cessava de duvidar, o Tunga.

00:02:50:29

VOZ EM OFF

As vezes parecia que ele se chamava escultor, as vezes ele nem se chamava escultor, se chamava poeta, as vezes ele se chamava simplesmente de artista, as vezes nem se chamava, as vezes só se chamava de Tunga.

00:03:12:12

LUÍSA DUARTE – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

Quando eu nasci, o meu pai o Paulo Sérgio Duarte e o Tunga já eram muito amigos e muito próximos, então eu cresci, na verdade, respirando e vivendo com o Tunga e com os trabalhos do Tunga, e com aquele universo que era a casa do Tunga.

00:03:33:25

PAULO SÉRGIO DUARTE – CRÍTICO DE ARTE E CURADOR

Há uma idiossincrasia nos principais trabalhos do Tunga.

00:03:42:25

PAULO SÉRGIO DUARTE – CRÍTICO DE ARTE E CURADOR

A força da arte do Tunga vem de uma poética absolutamente idiossincrática que você não pode ver por onde ela deixou se contaminar com alguma pratica paralela existente no mundo da arte.

00:04:07:26

JÚLIA REBOUÇAS – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

O Tunga é um desses artistas que vai entender o papel do artista como essa figura, esse sujeito que incorpora e aglutina uma série de qualidades e uma série de fazeres assim.

00:04:25:10

JÚLIA REBOUÇAS – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

É um artista que é poeta, que é filosofo, foi um artista que é cientista.

00:04:33:05

LUÍSA DUARTE – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

O Tunga é um homem muito erudito né, é preciso que se diga de toda a historia familiar dele, também filho do grande poeta Gerardo Mello Mourão. O influencia sem duvida o barroco, o surrealismo, o romantismo, mas ele se interessa profundamente por questões da ciência, da matemática, da física, ou mesmo da química.

00:05:03:01

JÚLIA REBOUÇAS – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

Um artista que organiza diversas visões de mundo numa mesma prática.

00:05:14:09

PAULO SÉRGIO DUARTE – CRÍTICO DE ARTE E CURADOR

Ele não pegava uma teoria e aplicava a obra, era ao contrario, a obra produzia a sua própria teoria.

00:05:29:24

PAULO SÉRGIO DUARTE – CRÍTICO DE ARTE E CURADOR

E cada uma vinha nesse sentido de buscar experiências de outros campos, e com essa experiência de outros campos poderiam passar e se transformarem em arte, principalmente experiências filosóficas e experiências científicas, por exemplo.

00:05:59:09

PAULO SÉRGIO DUARTE – CRÍTICO DE ARTE E CURADOR

O tema do continuo e do descontínuo tão importante não só no ponto de vista filosófico, como por exemplo, matematicamente, ele vai explorar primeiro no inicio, bem no inicio dos anos 80, na figura do Toro né, as esculturas de aço maciço. Uma viagem no interior de um Toro que é o filme Æo.

00:07:00:15

LUÍSA DUARTE – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

O Æo eu penso que é uma obra fundamental na trajetória do Tunga porque a partir dali abre-se todo um horizonte poético que a gente deve pensar em relação ao Æo.

00:07:17:15

LUÍSA DUARTE – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

Uma instalação na verdade, que tem a filmagem de um segmento de um túnel, do túnel Dois Irmãos, onde você fica em loop ali dentro numa viagem sem inicio, nem fim. E na sala você tem o acetato do filme girando né, num circulo, enquanto toca a musica, o Frank Sinatra que tá cantando Night and Day em loop a canção do Cole Porter.

00:07:53:10

JÚLIA REBOUÇAS – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

Essa volta, esse retorno, essa copia, essa repetição de uma mesma experiência que a própria entonação, a forma como o Frank Sinatra enuncia esse verso e essa ideia do dia e da noite, do dia e da noite, do dia e da noite, que se sucedem né.

00:08:16:02

JÚLIA REBOUÇAS – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

Pelo próprio título né, esse ão né, é um som que não se encerra, um som que já evoca essa ideia de uma circularidade que tá tão presente na forma do Tunga pensar, como se a gente tivesse de fato dentro de uma estrutura circular que não se encerra.

00:08:35:02

LUÍSA DUARTE – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

Na verdade é uma viagem dentro de um Toro, a gente faz com que aquilo que a gente jamais poderia entrar, a gente entra e viaja dentro de um Toro.

00:08:42:21

JÚLIA REBOUÇAS – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

É um trabalho muito sintético e muito representativo da obra do Tunga, talvez seja um dos meus trabalhos favoritos dele, é um filme, mas é uma instalação, é um som, mas é uma ideia também, essa organização de elementos muito simples, mas muito significativa.

00:09:09:09

PAULO SÉRGIO DUARTE – CRÍTICO DE ARTE E CURADOR

O trabalho dele, por exemplo, dessa questão do contínuo e do descontínuo, ele explora também com uma questão da energia natural do magnetismo do ferro.

00:09:21:26

TUNGA – ARTISTA PLÁSTICO

São imãs. Eu percebi que fazer arte não era outra coisa se não juntar coisas, mas juntar coisas..., o mundo mesmo junta coisas, todo mundo junta coisas, não é só juntar coisas é fazer com que ao juntar coisas apareçam dessas coisas, coisas que nos surpreendam coisas que estão ali, mas estão veladas, ao juntar que uma vez juntas, as coisas que tão ali tão fixas. Me ocorreu que eu podia juntar as coisas com o campo, que é o campo magnético, com imãs. Então, isso ai deu origem a uma série de peças, e esses são imãs, curiosamente junta, mas também repele.

00:10:12:06

PAULO SÉRGIO DUARTE – CRÍTICO DE ARTE E CURADOR

Quando ele usa os imãs, e os fragmentos de imãs, ele tá ali criando um corpo contínuo, que é a carga magnética que está ali juntando a peça, mas constituindo de fragmentos absolutamente descontínuos. Então, ele cria um campo, um campo magnético, literalmente magnético que sustenta o trabalho, sustenta o trabalho, que põe o trabalho literalmente em pé e esse trabalho é constituído de micro indivíduos que se unem por sua energia interior literalmente ai no caso material, e, no entanto ele transforma isso numa poesia.

00:11:08:27

LUÍSA DUARTE – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

Ela suporta justamente pela ligação das chapas de ferro, dos grandes fios de cobre, dos imãs, então ela desafia a gravidade nesse sentido.

00:11:21:10

PAULO SÉRGIO DUARTE – CRÍTICO DE ARTE E CURADOR

Elas estão de pé sem nenhum parafuso no chão, sem nenhum suporte.

00:11:30:25

LUÍSA DUARTE – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

E ela vai reunir justamente vários elementos que vão surgir pontualmente de diferentes maneiras ao longo dessa década de 80, os Tacápes, obviamente, numa alusão talvez à figura masculina, as Tranças numa alusão à figura feminina, a questão do cabelo que vai ser..., o cabelo é aquilo que continua a crescer depois que a gente morre isso era interessante pro Tunga pra essa questão do contínuo, do que não cessa, do que não tem fim.

00:12:09:02

PAULO SÉRGIO DUARTE – CRÍTICO DE ARTE E CURADOR

Lézart que lembra sempre o lagarto que é o Lézart, mas quando você fala Lézart em francês são as artes.

00:12:23:05

LUÍSA DUARTE – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

Então, o Lézart é uma grande escultura que faz, enfim, que consegue reunir todo esse repertório do Tunga numa só peça.

00:12:40:10

PAULO SÉRGIO DUARTE – CRÍTICO DE ARTE E CURADOR

No caso do Palíndromo Incesto, a questão já é outra né, porque coloca-se a questão do recipiente né, aqueles imensos dedais né, que pode ser visto também como imensos copos, o imã é utilizado, mas sobre ele há folhas de cobre que se grudam nos imãs.

00:13:14:03

JÚLIA REBOUÇAS – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

Parte desses grandes elementos que estão ocupando parte do espaço expositivo, esses elementos que vão se repetir, que a gente vai encontrar em diversos outros trabalhos dele, essa forma que tem dentro e que tem fora, o dedal, às vezes é o sino, às vezes é esse dedo, essa ideia de orifício, ou o lugar onde se coloca o corpo, onde o corpo entra, repousa.

00:13:45:23

JÚLIA REBOUÇAS – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

É um trabalho composto pela matéria do imã, pelo cobre, metal, elementos que também aparecem em muitos outros trabalhos, elementos que vão dar a instalação essa tensão, essa tensão de alguma coisa que se afasta, que se aproxima, que se afasta, que se repele, mas que tem essa capacidade de organização magnética ali também, então tem necessariamente uma tensão.

00:14:18:25

JÚLIA REBOUÇAS – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

E esse jeito de ler esses elementos que ele nos diz que é um jeito a moda, ou da maneira de um palíndromo, que pode ser lido da esquerda pra direita, da direita pra esquerda, não tem sentido que organize o enunciado que tá colocado ali.

00:14:41:00

JÚLIA REBOUÇAS – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

A outra palavra que compõe o título é uma palavra muito significativa no modo do Tunga pensar, a palavra incesto pensar o seu trabalho, é uma palavra que por si só constitui um tabu e ele vai colocar esse tabu ali no meio da instalação fazendo ele organizar essa estrutura circular e muito fluida que tá colocada ali no trabalho. Acho que há muitas histórias, e há muitas versões, há muitas narrativas

interpretações possíveis para o que seria o Palíndromo incesto a partir daqueles elementos colocados ali.

00:15:36:19

JÚLIA REBOUÇAS – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

Eu acho que esse sentido sempre aberto, e essa possibilidade infinita de especular sobre as formas, os enunciados, as matérias que estão colocadas ali faz parte da grandiosidade do trabalho dele.

00:16:01:05

VINHETA – ESTAMOS APRESENTANDO MATIZES DO BRASIL

00:16:15:27

VINHETA – VOLTAMOS A APRESENTAR MATIZES DO BRASIL

00:16:30:26

LUÍSA DUARTE – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

O Tunga tem algo de uma emulação, de um certo inconsciente que eu acho que perpassa a obra dele toda, tem um dialogo com a historia das esculturas sem duvida né, eu acho que o Tunga ele vai pensar muito o que foi a escultura moderna pra fazer algum tipo de corte, de torção nisso inaugurando uma outra possibilidade de pensar esculturas, eu acho que isso é uma questão que permanece. Sem duvida o erotismo, o erotismo dos corpos, o erotismo do coração, o Tunga vai falar muito de amor no final da vida dele.

00:17:13:09

PAULO SÉRGIO DUARTE – CRÍTICO DE ARTE E CURADOR

Ele também desenvolveu trabalhos também audiovisuais de filme, tem uns filmes que tem práticas de coprofilia, existe uma pratica sexual no lugar do pênis um cristal, e o cristal é um elemento muito presente em diversas esculturas do Tunga. Isso tem evidentemente se dá pelo interesse dele pela teoria do inconsciente freudiano e pela presença da questão sexual na teoria do inconsciente freudiano.

00:17:56:14

JÚLIA REBOUÇAS – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

Eu acho que esse aspecto erótico, pra mim, diz muito a respeito de como o Tunga trabalhava o desejo, o corpo, não só esse receptáculo de desejos e sonhos, de pulsões, de instintos, mas também um corpo como uma coisa que aciona no mundo também outros desejos. Então, eu vejo esse aspecto erótico muito por esse exercício de estar num mundo desejante e muito complexo, essa capacidade mesmo de viver, de desejar viver, isso que nos move, que nos faz sempre seguir adiante.

00:18:50:11

JÚLIA REBOUÇAS – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

O True Rouge é um desses trabalhos do Tunga que o que a gente vê ali instalado como uma escultura, como uma instalação muito elaborada, ele é fruto não só do trabalho com as matérias primas que ele agencia e articula, mas ele também é fruto de uma ação, de uma performance que aconteceu antes, que ativou e que constituiu aquele trabalho.

00:19:20:23

PAULO SÉRGIO DUARTE – CRÍTICO DE ARTE E CURADOR

Muitas obras do Tunga que ficam prontas foram criadas, inauguradas a partir de performances, e realizadas a partir de performances, o True Rouge é uma delas com a parceria da Lia Rodrigues, que é uma mestra, coreógrafa, fantástica.

00:19:44:19

JÚLIA REBOUÇAS – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

Então, o True Rouge a gente tem esse conjunto de recipientes mesmo contendo líquidos e elementos vermelhos, gelatina, tinta, esponja, e esses elementos eles estão ali de maneira colocados em suspensão, mas de uma maneira muito orgânica e fluida entre eles, exatamente porque eles vieram de uma ação que foi feita quando o trabalho foi primeiramente instalado.

00:20:20:29

JÚLIA REBOUÇAS – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

É um conjunto de madeiras como se fosse um conjunto que estruturam uma marionete, então, se a o mesmo tempo esse fluido e essa cor vermelha falam pra gente de um corpo a partir de seus fluidos, a partir de sua composição de interior, eu acho que essa estrutura da marionete nos fala desse corpo no mundo e um corpo que tá ali sendo guiado, movido, articulado a partir de uma ação externa, uma ação como se fosse uma mão que não está ali.

00:21:00:03

LUÍSA DUARTE – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

É barroco, é excessivo, transborda, tem um despende, são materiais muitas vezes familiares, corriqueiros da nossa vida cotidiana, inclusive, mas que ganha um grau de estranheza pra gente falar como Freud: “Um certo estranho familiar”, o Tunga vai, a maneira que ele vai reunir esses materiais, torna-los possíveis é que vai gerar a fricção que gera o sentido da obra.

00:21:32:04

JÚLIA REBOUÇAS – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

Essa relação onde forma conteúdo, teoria prática, pensamento e ação, é uma relação que tá absolutamente imbricada no trabalho do Tunga, é muito difícil imaginar uma obra dele, por exemplo, que o processo, que o instrumento seja simplesmente um meio para algo, as matérias são elas próprias grandes fontes de sentido, elas tem ali um papel muito claro na forma como ele organizava os seus trabalhos, e eu acho que isso vem dessa ideia dele, desse entendimento dele de sua prática como alguma coisa que é total, que é muito complexa, que não se separa de outras práticas do mundo, da arte como alguma coisa que tá absolutamente relacionada a outras disciplinas, a outros modos de circular e compreender o que tá no nosso em torno.

00:22:45:21

LUÍSA DUARTE – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

À Luz de dois Mundos é um caso muito singular e importante na trajetória do Tunga, é um momento, é um ápice talvez da trajetória dele, expondo embaixo da pirâmide do Louvre em Paris.

00:23:04:24

PAULO SÉRGIO DUARTE – CRÍTICO DE ARTE E CURADOR

Foi a primeira instalação a ser apresentada na pirâmide do Louvre.

00:23:13:03

LUÍSA DUARTE – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

Uma grande instalação, com grandes bengalas, uma rede onde tem um esqueleto dormindo sobre essa rede, tem os famosos tipitis né, essa obra prima dos indígenas e dentro dos tipitis tem esqueleto sem cabeça, e cérebros dos esqueletos sendo esmagados, exatamente.

00:23:41:22

PAULO SÉRGIO DUARTE – CRÍTICO DE ARTE E CURADOR

É interessante o uso do tipiti porque, veja bem, é o contrario da metáfora antropofágica, a antropofagia não está se devorando o corpo do outro, está se espremendo o cérebro do outro, as antigas civilizações europeias que tem suas cabeças espremidas, o que se quer ali é o suco do que eles sabem.

00:24:15:29

LUÍSA DUARTE – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

Então, eu acho que é uma obra realmente poderosíssima, onde entram elementos muito caros ao Tunga como sempre, rede de dormir, o tipiti, as bengalas, mas com esse gesto muito agudo, muito incisivo de dizer: “Olha, eu to falando desse ponto de vista sim, e a hora que vocês me chamam pra visitar, e estar aqui, eu não vou deixar de lembrar do passado”.

00:24:45:04

PAULO SÉRGIO DUARTE – CRÍTICO DE ARTE E CURADOR

Muitas vezes que as pessoas tentam se internacionalizar através do mercado, a internacionalização dele foi feita através do reconhecimento institucional do valor da obra dele, isso é um sinal que inverte muito um tipo de experiência muito comum no mundo de hoje né.

00:25:11:19

LUÍSA DUARTE – CRÍTICA DE ARTE E CURADORA

Ele dizia assim: “Eu não tenho o sonho que quero, eu não faço o poema que quero, mas ainda sim é preciso estar à disposição do meu sonho, e do meu poema possíveis, do contrário a gente vai estar se instalando nos mecanismos de recalque que Freud tão bem nos ensinou, que a sociedade nos impõe ir para uma vida menos liberta, menos intensa”. Então, na verdade eu acho que o contato com a obra do Tunga faz a gente lembrar que é preciso estar à disposição do nosso sonho poema diariamente, cotidianamente e que a possibilidade de achar um outro sentido na experiência existe, é claro nisso que a gente chama de uma obra de arte, mas também como o Tunga gostava de dizer nas mínimas coisas: Fazer um jardim, cozinhar. Enfim, tinham mil possibilidades nas entrelinhas do cotidiano para que a gente viva de uma maneira mais intensa, mais interessante, talvez, fazendo esse transito entre o estar acordado, e o sonho, e fazendo com que isso reja nossa vida.

00:26:17:12

TUNGA – ARTISTA PLÁSTICO

Eu acho que a arte procura essa intensidade porque é o modo de mobilizar o outro, é o modo de dizer pro outro: “Olha, não é só essa banalidade, tem coisas mais interessantes”.

00:26:29:11

PAULO SÉRGIO DUARTE – CRÍTICO DE ARTE E CURADOR

É uma perda imensa a morte precoce dele pra mim, o irmão mais moço que eu perdi muito cedo.

00:26:39:18

TUNGA – ARTISTA PLÁSTICO

Quem tem poder não é o artista, é a obra de arte. O Artista vai embora, a obra fica, continua dando sentido, gerando sentido.

00:27:02:04

CRÉDITOS FINAIS